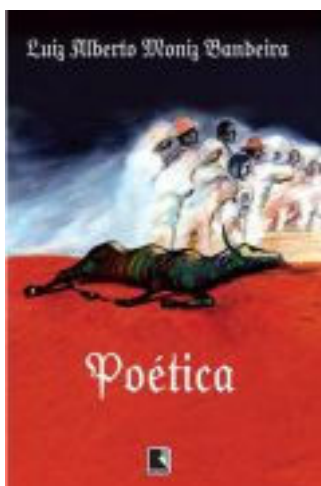


resenha

Luiz Alberto Moniz Bandeira. **Poética**. Rio de Janeiro: São Paulo, Editora Record (em co-edição com a Fundação Pedro Calmon), 2009.

A poesia de cientista político e historiador

João Eurico Matta*



Luiz Alberto Moniz Bandeira, baiano, consagrou-se como autor de mais de vinte obras, entre as quais o monumental estudo **O Feudo – A Casa da Torre de Garcia d’Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil**. Mas aqui desejo enfatizar que ele, meu amigo de infância desde os cinco anos (somos nascidos em 1935), primeiramente se orientou para a poesia. Tinha o adolescente Luiz Alberto 15 anos, quando datou de 16 de julho de 1951 o poema manuscrito, sem título, mas em cinco quartetos de alongados versos decassílabos de cuidadosa métrica e rima, com o qual me presenteou o romance de Sholem Asch, **O Nazareno**: “A João, pelo seu natalício, oferece com um abraço, Luiz”, e a seguir, logo em baixo, com alusão ao monólogo de Hamlet, esses cinco quartetos, cuja linguagem me parece seminal com relação ao então pensador de 15 anos, influenciado pelo filosofia

existencialista de Kierkegaard: *“Infância, - alma tão viva de calor, / Infância, - expressão assim tão verde, / Que na marcha do tempo assim se perde / Junto a esperança desta sua cor. // Juventude, - sabor da vida atroz; / Esperanças se perdem pouco a pouco; / Mas o espírito é vivo e tanto louco / Que vê no tempo um tão bondoso algoz. // Maturidade, - decepções em vida: / É um cigarro que se queima, no fumo, / É uma vela que está já no consumo / Dentro da cera assim toda embebida. // Velhice, - a mais terrível das doenças: / No peso da sua decrepitude / Se aceita o que negou na juventude, / Se crê em Deus, se crê em todas crenças. // Morrer! – eis o final da luta insana, / Mas, - o que vem após nosso morrer? / Eis a questão do ser e do não ser / Na mente estúpida da espécie humana!”*

Na edição de novembro de 1951 do mensário estudantil, **O Idealista**, no qual sai um artigo meu sobre o ambientalismo de certos poetas românticos ingleses, aparecem dois poemas de Moniz Bandeira, à beira de seus 16 anos, de sabor filosófico existencial-vitalista; um soneto em decassílabos: ... *“Senti sede das horas; não bebia, / Tive vontade de fazer sentida, / Hora por hora, toda a minha vida, / Pois esta no passado se escondia. / Embriaguei-me dos séculos passados. / Rodei, rodei a ronda de mim mesmo / Em meus nervos trementes e cansados. / Eu vi meus dias um por um*

perdidos, / Fiquei sozinho, abandonado, a esmo, / Enrolado nos anos já vividos.”; e um poemeto de versos livres, soltos e brancos, ao gosto dos modernistas: “Garrafas de vinho de quase todos os anos / Vestidas de poeira. / Um cortinado roto. / Um retrato sem vida / e uma vida sem retrato.”

Trata-se de um conjunto de emoções perfeitamente compatíveis com os sentimentos que nutrem, com energia equivalente, tanto a poesia social dos livros de sua mocidade, **Verticais** (1956), e **O Retrato e o Tempo** (1960), quanto a poesia lírica, de densidade romântica própria dos vates ingleses, como Shakespeare, Byron, Shelley e Keats, ou do sonetista Luiz de Camões, que fizeram Luiz Alberto, em sua maturidade, produzir a magnífica *Coroa para Margot* – para sua esposa alemã, Margot Bender - publicada no seu recente livro – **Poética** (Rio de Janeiro – São Paulo, Editora Record, em co-edição com a Fundação Pedro Calmon, 2009).

Com relação a **Poética**, o próprio poeta declara, em sua apresentação, que “*reúne apenas poemas escritos a partir dos 20 anos. São poucos. O estudo científico e a pesquisa acadêmica, como cientista político e historiador, embotaram-me e, durante muito tempo, não mais escrevi nenhuma poesia*”. Por essas razões o livro agrupa, sob o subtítulo *O Retrato e o Tempo*, uma seleção de 15 poemas, na maioria livres, mesclando o lírico e o social, sem a preocupação da disciplina métrica, mas todos de acentuada musicalidade, ainda quando dotados de algum exercício de concretismo, escritos no Rio de Janeiro entre 1956 e 1960; sob o subtítulo *Libertação do Tempo*, datado de Rio de Janeiro/Berlin/Bonn, 1960, estão poemas soltos, também de ritmo e

música acentuados, mas de temática rica em reflexão filosófica existencial e histórica; e a veemente e bela *Ode a Cuba* (Rio de Janeiro, janeiro de 1961). E, em linguagem poética sócio-histórica, o cientista político e historiador escreve *Felipe Camarão ou Vietcong*, poemas datados de São Paulo, setembro/outubro 1966, e o breve poema *Che*. Mas, em seguida, datada de St. Leon, inverno de 2000 / 2001, vem o lírico antigo, total e novo ou renovado, numa coroa de sonetos – *Coroa para Margot* – obra-prima na espécie, somente comparável à magistral coroa de sonetos que o poeta Bráulio de Abreu compôs para sua amada.

Luiz Alberto Moniz Bandeira encerra **Poética** com nove outros sonetos, em versos alexandrinos, de inspiração em personagens, fatos e lugares da história pátria: sete dedicados a *Caramuru*, datados de 2003, e dois que prestam homenagem a *Moribeca* e à *Torre de Garcia D’Ávila*. Como o fizera na *Coroa para Margot*, o poeta, de fidelidade camoniana, retorna à disciplina e ao estro de seus primeiros poemas, creio que por apelo fortíssimo da musicalidade da expressão poética – seja por encantamento com as mulheres – o eterno feminino, seja por encantamento com a bravura dos heróis da história humana, quer caucasianos – como o lusitano *Caramuru*, que se casou com índia tupinambá, *Catharina Paraguassu* – quer mamelucos, como *Moribeca*.

É Moniz Bandeira membro correspondente da Academia de Letras da Bahia. E outro confrade seu – um dos nossos *poetae majores* – Florisvaldo Mattos diz, na orelha de **Poética**, que o talento e saber demonstrados no trajeto dos densos livros de ciência política e história de Moniz Bandeira também se

“*comprovam*” no conjunto de poemas
reunidos “*nesta Poética, onde limpidez
lírica e força épica se amalgamam
para sintetizar, em versos de solidez*

*rítmica e inspirada construção, ganhos
e perdas ao longo da existência em
múltiplos tempos e embates vividos*”.

* O professor **JOÃO EURICO MATTA** é membro da Academia de Letras da Bahia.